

Literatura na escola: uma possibilidade de leitura d'*O Senhor Juarroz*

JOSIELE KAMINSKI CORSO OZELAME*

MARTHA RIBEIRO PARAHYBA**

Resumo: O desafio da leitura literária na escola é perseguir o interesse do aluno pouco afeito aos questionamentos subjetivos proporcionados pela Arte da Linguagem. O incentivo à leitura, de modo a buscar entre as páginas de um romance o prazer da descoberta de uma viagem mágica, torna-se um argumento inútil diante da volatilidade do gosto. Formar o leitor na escola é mais do que isso, é entender que a arte literária não existe unicamente como forma de deleite, de fruição estética, mas expressa também cultura, pensamento e uma relação com o mundo (JOUVE, 2012). O objetivo deste artigo é a reflexão sobre o ensino da literatura na sala de aula, a partir da obra do escritor português, nascido em Angola (1970), Gonçalo Tavares, intitulada *O senhor Juarroz* (2007).

Palavras-chave: Literatura Portuguesa; Ensino; Narrativa Moderna.

Literature at school: an approach to O Senhor Juarroz

Abstract: The challenge of literary reading in school is to pursue the interest of the student who is little given to subjective questions provided by the Language Arts. The reading incentive, to get through the pages of a novel the pleasure of discovering a magical journey, becomes a pointless argument on the volatility of taste. To form the reader in school is more than that. It is to understand that literary art does not exist only as a form of delight, aesthetic enjoyment, but it also expresses culture, thoughts and relationship with the world (JOUVE 2012). The purpose of this report is to reflect on the teaching of literature in the classroom, from the work of the Portuguese, born in Angola (1970), Gonçalo Tavares, titled *Senhor Juarroz* (2007).

Key words: Portuguese Literature; Teaching; modern narrative.



* **JOSIELE KAMINSKI CORSO OZELAME** é Doutora em Literatura. Professora do Curso de Letras e do Mestrado em Sociedade, Cultura e Fronteiras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE, campus de Foz do Iguaçu.



** **MARTHA RIBEIRO PARAHYBA** é Doutora em Educação. Professora do Curso de Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE, campus Foz do Iguaçu.

Introdução

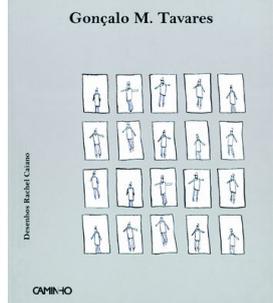
Gonçalo Manuel Tavares¹ nasceu em Luanda, Angola, em 1970. Ainda criança mudou-se para Aveiros, Portugal, em função da guerra entre os dois países. Ali realizou os estudos de nível básico e formou-se em Filosofia. Em 2005, ganhou o prêmio literário José Saramago, o que arrancou do vencedor do Nobel de Literatura, a curiosa afirmação “Gonçalo M. Tavares não tem o direito de escrever tão bem com apenas 35 anos. Dá vontade de lhe bater”². Estreou, em 2001, com *Livro da Dança*. Em 2002, iniciou o projeto *O Bairro* com a publicação de *O Senhor Valéry*. Outros livros/escritores foram sucedendo a primeira obra, iniciando um projeto peculiar composto por uma série de livros ilustrados, na página inicial, pelo desenho de um bairro habitado por personalidades famosas. Ali residem Juarroz, Proust, Borges, Calvino, Joyce, Valery, Duchamp, Warhol, Wittgenstein e Foucault... são 39 personalidades, mas apenas 10 receberam a publicação.

O Senhor Juarroz foi publicado em 2004. Uma obra de aproximadamente 65 páginas organizadas em 28 capítulos de, no máximo, duas páginas sem aparente continuidade, a ressaltar não só a narrativa surpreendente de Tavares, mas a inquietante personalidade do personagem, exposto no parágrafo inicial do primeiro capítulo como um senhor que “só deixava de pensar quando era mesmo imprescindível” e para quem “a realidade era [...] uma matéria aborrecida” (TAVARES, 2007,

¹ Sobre as obras do autor, estão em curso cerca de 250 traduções em trinta línguas, com edição em 46 países. Disponível em: <http://goncalomtavares.blogspot.com.br/> Acesso em 22 nov. 2013.

² Discurso de Saramago, em 2005, na entrega do prêmio.

O Senhor Juarroz



p. 9). São as situações em que o Senhor Juarroz deixa de pensar que provocam no leitor o espanto necessário para indagar-se sobre narrativas ficcionais *pós-modernas*³: “- quando falavam com ele muito alto;/ - quando o insultavam;/ - quando o empurravam;/ quando tinha de utilizar qualquer objeto útil à sua volta” (TAVARES, 2007,

p.9).

Roberto Juarroz⁴ nasceu em Coronel Derrego, Argentina, em 1925, e morreu em Temperly, província de Buenos Aires, em 1995. Após receber bolsa de estudos para Sorbonne (França), permaneceu como professor do *Departamento de Bibliotecología y Documentación*, na Universidade de Buenos Aires, por mais de 30 anos. Poeta de grande plasticidade, Octavio Paz assim o descreve “Cada poema de Roberto Juarroz es una sorprendente cristalización verbal: el lenguaje reducido a una gota de luz. Un gran poeta de instantes absolutos”⁵.

Compreendemos o pensamento de Paz como a essência de *O Senhor Juarroz*⁶, de Gonçalo M. Tavares, e é sobre isso que pensamos em discutir aqui, numa reflexão que se estenderá à sala de aula. As observações abusivas acerca do cotidiano e outras peripécias intrigantes, e por que não dizer instigantes, fazem com que o leitor perceba o inusitado da palavra cristalizada como *gota de luz*, sobrevivente, pelo protagonista, tal

³ “Pós-moderno” no sentido atribuído por Hutcheon, de uma literatura que “impugna” as fronteiras entre os gêneros, os discursos, privilegiando a descontinuidade.

⁴ <http://www.robertojuarroz.com/biografia.htm> acesso em 22/11/2013.

⁵ Idem - *Biografía*.

⁶ As observações sobre essa obra pertencem à edição publicada em 2007, pela Casa da Palavra, RJ.

como percebido por Paz acerca do poeta Juarroz.

Nessa perspectiva, observamos em Tavares a reflexão dos fatos do dia a dia, a confrontação dos princípios, a subversão das situações e as várias interrogações promovidas por ele, por meio do Sr. Juarroz. Essas características inserem-no na esteira da pós-modernidade, considerando a delimitação do termo estabelecida pelo crítico britânico Terry Eagleton, em que assinala que “se dizer ‘pós-modernista’ não significa unicamente que você abandonou de vez o modernismo, mas que o percorreu à exaustão até atingir uma posição ainda profundamente marcada por ele” (EAGLETON, 1998, p. 8).

O termo “narrativa pós-moderna” é utilizado em nosso trabalho sem perder de vista as discussões que o cerca. Não pretendemos estabelecer aqui, uma definição a respeito dessa vertente, mas sim, apresentar ao leitor que as características delineadas por Eagleton (1998), Compagnon (1996), Hall (2003) e Hutcheon (1991), embora apresentem distanciamentos, aproximam-se no que concerne à presença da modernidade.

Para Compagnon (1996), essa forma de consciência que temos do tempo presente, da contemporaneidade, foi intitulada pós-moderna. Ele parte dos estudos de Jauss, que verifica que moderno não significa novo, mas sim presente, contemporâneo de quem fala. É possível perceber a estreita relação entre as denominações de modernidade e pós-modernidade no fragmento abaixo: “O que seria esse *depois* da modernidade, designado pelo prefixo, se a modernidade é a inovação constante, o próprio movimento do tempo? Como é possível falar de um tempo depois do tempo? Como pode um presente negar a

sua qualidade de presente?” (COMPAGNON, 1996, p.103).

Sem a pretensão de negar a modernidade, a pós-modernidade reivindica a identidade de um sujeito não mais estável e uno, conforme assevera Hall (1998). A referência de identidade relaciona-se com a fragmentação do sujeito que antes era estável e agora é pós-moderno, diluído. Essa fragmentação identitária faz-se presente em Tavares, uma vez que apresenta um personagem contraditório, deslocado do eixo social aceito, não mais institucionalizado, que desempenha papéis definidos ao longo da história e da biologia. Este sujeito é autêntico, repleto de princípios não previstos pela normatividade. Valemo-nos de Hutcheon (1991) no que concerne ao pós-moderno, que são as “convenções do discurso. Ela sabe que não pode escapar ao envolvimento com as tendências [...] de seu tempo. Não há saída. Tudo o que ela pode fazer é questionar a partir de dentro” (1991, p. 15). Portanto, na perspectiva da autora, esta época é a pós-moderna, pois favorece a maneira particular de perceber o mundo e a realidade.

Esses elementos, características do pós-modernismo, desencadeiam alguns aspectos na sociedade que são lembrados por Eagleton (1996): o pós-modernismo “derrubou bom número de certezas complacentes, escancarou totalidades paranóicas, contaminou purezas protegidas com desvelo, distorceu normas opressoras e abalou bases de aparência frágil” (1996, p. 35). É imperioso destacar Compagnon, que assegura que se o pós-modernismo “perder seu foco revolucionário, direcionado ao futuro mítico do homem, da sociedade, ele se tornará nada mais que um pós-moderno isento de suas principais características, desembocando

uma “arquitetura modesta e fragmentária” (1996, p. 108).

Convém evidenciar que estão claros os traços característicos do pós-modernismo, como a condição do homem no mundo globalizado, além da “indeterminação do sentido, o questionamento da narração, a exibição dos bastidores, a retratação do autor, a interpelação do leitor e a integração da leitura” (COMPAGNON, 1996, p. 114), aspectos que são encontrados na narrativa de Tavares. Uma vez que Hutcheon apresenta que no pós-modernismo “todas as práticas culturais têm um subtexto ideológico que determina as condições da própria possibilidade de sua produção ou de seu sentido” (1991, p. 15), atentamos para a importância de levar para a sala de aula a obra de Tavares, devido ao fato de que o texto permite a exploração intensa de temas e reflexões sobre a realidade que cerca nosso aluno, questões inusitadas do cotidiano, reflexões óbvias - mas não simples - sobre a vida e atitudes do sujeito.

O poder da leitura e da literatura

O tema do ensino da literatura na escola já vem há algum tempo gerando férteis debates entre os estudiosos da área, uma vez que não há como falar sobre literatura sem mencionar a leitura. Este artigo não vai ao encontro da apresentação de técnicas, receitas ou fórmulas milagrosas para abordar o texto literário em sala de aula, mas sim auxiliar na ampliação do repertório reflexivo do professor de Língua Portuguesa e dos seus alunos. Percebendo que a recorrente forma de ensino da literatura dos professores nas escolas brasileiras centra-se na abordagem que data da década de 70, quando ainda analisava-se a estrutura formal do texto de forma simplificada: personagens principais e secundários,

tempo, espaço... ignorando completamente o aluno; centramos nossa proposta no sentido do texto.

Para Todorov (2012) o ensino atual de literatura na escola é reflexo de uma mudança ocorrida nas universidades, em que a forma de ensinar está centrada nos estudos literários, com precisão na análise do sentido das obras, levando em conta a abordagem interna e externa do texto. Nesse sentido, percebemos a grande dificuldade que os professores têm em levar para a sala de aula aquilo que aprenderam nos cursos de Letras, nas aulas de Literatura. O despreendimento de técnicas e teorias se sobressai, deixando o texto à margem, causando, inclusive, o desinteresse dos estudantes pela leitura e, conseqüentemente, pela Literatura. Porém, o ensaísta e historiador búlgaro nos lembra que nas escolas o ensino não é direcionado somente a especialistas no texto literário, “o que se destina a todos é a literatura, não os estudos literários” (TODOROV, 2012, p. 41).

Sugerir a discussão da literatura em sala de aula a partir da obra de um autor português de escrita contemporânea, considerado (ainda) nem clássico, tampouco canônico, pode parecer despropositado para os estudiosos mais conservadores, uma vez que os textos do referido autor fogem da linearidade temática, frequentemente trabalhada nas aulas de literatura na escola. Compreendemos como escrita contemporânea algo que não contempla necessariamente a representação da atualidade, conforme atesta Agamben (2009), mas percebe o presente, consegue captá-lo e expressá-lo. Esta dita “contemporaneidade”, inquietante no Sr. Juarroz, desacomoda-nos como leitores, exige a compreensão de algo que não nos é dado, como por exemplo, no capítulo intitulado “Viagem Longa”:

“Como gostava de ler e ia para uma viagem longa o senhor Juarroz decidiu pôr na mala seis exemplares do mesmo livro” (TAVARES, 2007, p. 23).

É essa possibilidade interpretativa que faz com que a literatura faça parte da nossa vida. Pesquisas apresentadas em relatos por Todorov (2012) e Petit (2009), confirmam nossa afirmação. Todorov (2012) relembra a história de John Stuart Mill que sofria de depressão e encontra nas obras literárias respostas sobre os sentimentos do cotidiano e o rumo da humanidade. Além disso, Mill relata em sua autobiografia que é nos versos dos poetas que encontra “a alegria interior, os prazeres da simpatia e da imaginação que todos os seres humanos podem compartilhar” (TODOROV, 2012, p. 73-74). Outra experiência mencionada pelo estudioso é a de uma detenta de Paris que encontra nas narrativas a possibilidade de ordenar seus sentimentos e de compreender os acontecimentos de seu cotidiano. Todorov (2012) insiste no poder da literatura:

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. (TODOROV, 2012, p. 76)

Entretanto, não é apenas nos momentos de crises particulares, de “desarranjos internos” (PETIT, 2009, p. 18), que os livros podem nos auxiliar, mas também nas crises que atingem a um número grande de pessoas. Como exemplo, retomamos os estudos de Petit, que

aponta que na década de 30, o desemprego nos Estados Unidos levou muitos leitores às bibliotecas, ou ainda o aumento das práticas de leitura durante a Segunda Guerra Mundial. Porém, não é preciso viajar tão longe no tempo, pois no episódio de 11 de setembro de 2001, a pesquisadora aponta que as pessoas recorriam à leitura para compreender a crise e suplantar as dificuldades, conforme noticiou o jornal *Le Monde*.

Segundo ela, não importa se estamos passando por guerras, problemas econômicos, violências, como no caso da América Latina, em que a leitura da literatura aparece como forma libertadora. Na Argentina e na Colômbia, a exploração econômica acontece de forma avassaladora e a população sofre com a exploração social e é por meio da leitura que as “crianças, adolescentes e adultos poderiam redescobrir o papel dessa atividade na reconstrução de si mesmos e, além disso, a contribuição única da literatura e da arte para atividade psíquica. Para a vida, em suma” (PETIT, 2009, p. 22).

Ultrapassando as questões formais, para nós, o texto literário, por meio da linguagem, proporciona ao aluno a possibilidade de se tornar sujeito ativo de seu espaço, notar que o mundo a sua volta lhe pertence e que ele pode, sim, tornar-se construtor de sua própria história, um sujeito autônomo, capaz de crer ou não em valores já instituídos pela sociedade, como é possível refletir, no capítulo “A morte de Deus”: “O Senhor Juarroz pensou num Deus que, em vez de nunca aparecer, aparecesse, pelo contrário todos os dias, a toda a hora, a tocar à campainha. Depois de Muito meditar sobre esta hipótese, o senhor Juarroz decidiu desligar o quadro da eletricidade” (TAVARES, 2007, p. 61).

Ao se questionar a respeito da importância da literatura como meio de

transmitir e criar valores no mundo atual, qual seu lugar no espaço público, se ela é útil para a vida e por que ela deve fazer parte do currículo escolar, Compagnon (2009) não nos dá uma resposta pronta, entretanto, apresenta ao leitor, no curso da escrita de seu texto, que a literatura é imprescindível para a sobrevivência humana. Segundo ele,

Elas nos ensinam a melhor sentir, e como nossos sentidos não têm limites, ela jamais conclui, mas fica aberta como um ensaio de Montaigne, depois de nos ter feito ver, respirar ou tocar as incertezas e as indecisões, as complicações e os paradoxos que se escondem atrás das ações (...) (COMPAGNON, 2009, p. 66).

Dado o exposto, a partir de reflexões de Zola, o crítico informa que a literatura contemporânea diz muito sobre o homem e a natureza, muito mais que obras de filosofia, história ou crítica. Exemplo disso são Montaigne, Racine, Baudelaire e Proust que não publicaram tratados científicos, mas que por meio de seus ensaios, tragédias, poemas e romances ensinam muito, tratam do conhecimento erudito por meio da premissa literária (COMPAGNON, 2009). Sobre a cientificidade, reflete o Sr. Juarroz, em “O organismo”, e questiona a mudança constante, a ineficiência da medicina, a improbabilidade das certezas:

Medir um organismo – pensava o senhor Juarroz – é aceitar uma mentira, pois um organismo, por definição, não tem comprimento, tem fome.

Como medir algo que está a mudar?
Como medir uma mudança? – pensava o senhor Juarroz.

O médico à sua frente, no entanto, estava prestes a desistir.

- Afinal, posso pesá-lo ou não?

(...) (TAVARES, 2001, p. 45)

Para Compagnon, a literatura tem sido fonte de instrução no ocidente, como forma de construção de personalidade e sensibilização do homem. Para ele, é ela quem nos permite o acesso ao conhecimento moral, sem a necessidade da leitura de tratados filosóficos.

Assim, pensando em Gonçalo Tavares e o Sr. Juarroz na sala de aula, apoiámo-nos nos argumentos teóricos apresentados, no que concerne ao poder que adquirimos ao ler literatura, pois em primeiro lugar, a aprendizagem do homem se dá por meio da imitação. Compagnon também esclarece que ela é importante para o deleite e para a instrução do sujeito, como poder de moralização. Além desse aspecto, observa que no século das luzes a literatura tinha objetivo curativo, de remédio. Esse processo medicamentoso centrava-se na cura da alienação religiosa daquela época, promovendo a libertação do homem do discurso das autoridades: “A literatura é de oposição: ela tem o poder de contestar a submissão ao poder” (COMPAGNON, 2009, p. 42). Lembramos que esse poder de questionar faz parte do sujeito pós-moderno e apresenta-se no trecho a seguir da obra de Tavares, “Sombras e esconderijos”:

É evidente que o senhor Juarroz sabia que esconder-se atrás de um móvel não era o mesmo que esconder-se atrás de uma sombra. O problema desta é que não tem volume.

O senhor Juarroz no entanto não podia deixar de pensar que atrás da sombra da torre alta se está mais bem escondido que atrás da sombra de um candeeiro. Não ficamos tapados, pensava o senhor Juarroz, mas ficamos mais longe. E estar mais longe é uma outra forma de nos escondermos.

Mais cansativa, no entanto, dizia o senhor Juarroz. (TAVARES, 2007, p. 33)

Além de “libertação”, pode ser apenas de imaginação, sem uma finalidade definida, porque mesmo o homem estando imerso neste mundo (pós-)moderno, ela tem o poder de levá-lo além das atividades do cotidiano.

Nesse sentido, Compagnon assegura que com a possibilidade de falar de todos e para todos, a literatura tem o poder da linguagem, “só ela tem condição de exprimir o contínuo, o impulso e a duração, ou seja, sugerir a vida” (2009, p. 46), como o excerto “Os nomes e as coisas”:

Para mostrar que não se submetia à ditadura das palavras o senhor Juarroz todos os dias dava um nome diferente aos objetos. Metade do seu dia de trabalho passava-o assim a atribuir nomes às coisas. Por vezes, ficava tão cansado com essa tarefa inaugural, que passava a segunda parte do dia de trabalho a descansar. Quando adormecia os novos nomes das coisas misturavam-se, nos sonhos, com os antigos nomes, e por vezes o senhor Juarroz acordava tão embaralhado que deixava cair a primeira coisa que tentava segurar, e essa coisa, da qual por momentos não sabia o nome, partia-se (TAVARES, 2007, p. 21).

Pelo poder da linguagem, de acordo com Compagnon, a literatura pode fazer com que não nos deixemos enganar pela língua, tornando-nos mais inteligentes, ou como ele aponta “diferentemente inteligentes” (COMPAGNON, 2009, p. 49). “Diferentemente inteligentes” podemos tornar nossos estudantes por meio do jogo da linguagem e da improbabilidade de certezas.

A pertinente discussão de Vicent Jouve (2012) acerca do sentimento suscitado no leitor pela obra de arte, cujo grau de

subjetividade é um conceito volátil e mais complexo do que pode parecer a princípio, nasce do esforço em apontar as implicações do estudo da arte literária como um objeto cultural. E, portanto, vinculado a numerosos traços objetivamente apreensíveis que se fazem essenciais à compreensão da obra e propiciam condições suficientes para que estudantes (de todos os níveis escolares) se apropriem da literatura atraídos não apenas pelo entretenimento *prazeroso*.

A arte literária, a obra de arte em geral, instaura conceitos, criações e possibilidades que estabelecem uma relação dialógica com o mundo, situada em determinada época, explorando possibilidades de apreensão pouco comuns do cotidiano. Para não dizer absolutamente incomuns, como é o caso da obra em questão aqui. Como exemplo, o personagem – Sr. Juarroz – pensador curioso e inventivo, criou a “Teoria sobre os saltos”, em um dos mínimos capítulos, põe-se a refletir sobre a segunda parte do salto, “A 2ª. parte do salto para cima é descer, mas a 2ª. parte do salto para baixo não é subir – pensava o senhor Juarroz”. Diante do inconclusivo de sua evidência, “por preguiça”, preferiu usar o elevador (p. 15). É inútil tentar compreender a perspectiva do protagonista, externamente à obra e de modo pragmático. Não é sob esse ângulo que deve ser considerada, sobre o já visto, mas, sim, sobre as propriedades não perceptivas que fogem à experiência do cotidiano e que dizem respeito ao sistema enunciativo que o constitui. Desse modo, o desafio é compreender os componentes “dessa forma global que o texto representa” (JOUVE, 2012, p. 33).

Tudo que o texto literário expressa ou buscar expressar, afirma Jouve (2012), é próprio da literatura e não tem como

única finalidade promover momentos de entretenimento para uma pausa mais atraente entre uma obrigação e outra. Mais do que atender ao apelo casual, cerca-se de compromisso intelectual, do qual não se pode escapar em *O senhor Juarroz*.

A narrativa trata de um homem querendo tudo pensar, alheado ao cotidiano e insubmisso à ditadura das palavras, perdido no labirinto dos pensamentos “que não deixavam provas” (TAVARES, 2007, p.30). Mesmo com um enredo a descrever o cotidiano de um personagem atarefado em pensar o mundo, não é tarefa das mais simples identificar o assunto principal da obra, a transitar entre explicações (ou pensamentos). O romance trata de pensamentos sobre pensamentos? De um homem desvairado a questionar a necessidade de manter-se uma gaveta vazia, ou do intervalo entre as coisas, ou da criação de uma organização enigmática da própria biblioteca? A resposta se oferece ao leitor pelo percurso da leitura, com os dados objetivos do texto, ou como explica Eco, “um objeto produzido por um autor que organiza uma seção de efeitos comunicativos de modo que cada possível fruidor possa recompreender a mencionada obra (ECO, 1976, p.40)”.

A compreender a obra *O Bairro*, de Tavares, como um conjunto de narrativas em que traços da biografia de escritores famosos estão presentes em cada um dos diversos personagens, podemos ver que as preocupações de Juarroz em categorizar o cotidiano se aproximam da longa experiência profissional do poeta Roberto Juarroz. O poeta, no âmbito profissional, atuou como professor e Diretor por mais de 30 anos do *Departamento de Bibliotecología y Documentación*, campo de trabalho que exige cuidadosa

sistematização do armazenamento de informações, de modo a garantir clareza de acesso ao público em geral.

Nesse caso, o trecho a seguir, fragmento do capítulo⁷ inicial, permite refletir sobre as peculiaridades de um personagem minucioso em seu pensar.

Por vezes, mesmo nas situações atrás descritas, o senhor Juarroz não saía dos seus pensamentos e por isso os outros supunham que ele:

- era surdo (porque não ouvia quando falavam com ele muito alto);
- era covarde (porque o insultavam e ele não reagia);
- era muito covarde (porque o empurravam e ele não reagia);
- era desastrado (porque pegava mal nas coisas, deixando-as cair ao chão).

No entanto, ele não era nem surdo, nem covarde, nem desastrado. Simplesmente, para o senhor Juarroz, a realidade era uma matéria que aborrecia. (TAVARES, 2007, p.09)

Na defesa convicta do peso da forma⁸, Possenti (2009) relembra os estudos de Maingueneau em que a materialização textual é *absolutamente relevante*, porque não privilegia um único aspecto, é um conjunto inseparável. Tudo é consistente com um certo imaginário que busca a criação de um universo desligado do cotidiano. Se estendemos ao texto literário a observação de Possenti é porque compreendemos que a forma ultrapassa o plano estético.

⁷ A narrativa ficcional *O senhor Juarroz* não é organizada por capítulos. Aqui é assim denominado para facilitar a localização do trecho.

⁸ Para efeito de simplificação da abordagem que propomos, o termo *forma* é usado aqui como o que é percebido visualmente, mas que não se restringe ao referente apenas.

No que se refere a Tavares, o narrador no trecho acima destaca o alheamento do sr. Juarroz e a reação dos vizinhos, “e por isso os outros *supunham* que ele (...)”. Para dar significação ao alheamento ordena os fatos que distraem o Sr. Juarroz, para mais adiante repetilos, acrescentando a suposição do que outros pensariam dele. Evidentemente a insistência em apontar tais fatos não é fruto de gratuidade. Com a agravante de que o leitor se deparará com essa informação assim que se puser a ler, logo na página inicial do romance. O que o narrador propõe? O que o leitor pensa? Juarroz mostra-se ao leitor excessivamente obstinado com suas reflexões, mesmo quando diretamente atingido pelas ações de outras pessoas que se sentem incomodado com o seu jeito particular de ser.

Não há certeza do que sabem os “outros”, apenas suposições. Baseados em suposições as pessoas interpretam suas ações: pensam que era “surdo”, “covarde”, “muito covarde”, “desastrado”. Todos enunciados com conotações negativas, opostos ao verdadeiro interesse de Juarroz – “pensar”. A suposição de que os “outros” nada sabem sobre o sr. Juarroz e por isso são tomados por atitudes agressivas não é a mesma suposição que o leitor faz. O sentido atualizado do texto dependerá das percepções que norteiam o processo interpretativo do leitor. Se o sentido apresenta dificuldade em ser compreendido é porque passa pelo que o autor propõe em seu texto, do que aborda e como o faz.

A afirmação de Jouve de que o critério da satisfação pessoal na sala de aula pode ser dispensado, para que se efetive a reflexão sobre a obra literária como um “objeto de linguagem” em que a dimensão estética significa e representa “uma cultura, um pensamento e uma

relação com o mundo” (2012, p. 135), refere-se à possibilidade de tornar acessíveis as obras cuja linguagem se mostra “opaca” para os leitores escolares. Isso é, o esforço em atrair leitores para a leitura de textos literários na escola tem deixado de lado o propósito de promover a reflexão e apropriação de conhecimentos, para uma identificação de conteúdos. E o que deveria ser construção de saberes oriundos da investigação de elementos imanentes e transcendentais do texto, torna-se uma coleta de informações, em que nada se destaca e nem se aproxima de uma tomada de consciência pessoal sobre a vida e para a transformação do indivíduo.

Considerações finais

Ao se deparar com uma narrativa, em que o narrador descreve os fatos que motivaram ações e reflexões do personagem, o leitor é mobilizado a examinar as descrições, que constituem o principal instrumento do narrador para a adesão das ideias e valores desse personagem. Aguiar e Silva (1979) explica que a motivação e a estrutura da descrição estão estreitamente ligados ao ponto de vista da narrativa ficcional, cabendo explicitamente ao narrador a tarefa de explicitar ao leitor o que ele – narrador – precisa ver, saber, apreciar. Nessa descrição, o narrador situa-se fora da temporalidade da trama, não há uma unidade espaço-temporal a ser perseguida, porque o interesse repousa sobre as reflexões do personagem. A ausência de uma linearidade cronológica ou espacial adquire uma função muito importante, porque não só veicula informações sobre o personagem e sobre os objetos, como apresenta elementos de ordem causal e simbólica que são indispensáveis para explicar o personagem e suas ações.

É o caráter excepcional dessas ações que é possível propor outras leituras, com adverte Jouve, “Simplesmente, para o senhor Juarroz, a realidade era uma matéria que aborrecia.”: o que há na realidade de Juarroz que provoque aborrecimento? Por que Juarroz não reage diante das demonstrações pouco amistosas das pessoas? Com o que conclui Jouve, “trata-se das incoerências – tolices ou acidentes combinados – que estão na fonte das diversas interpretações que podemos fazer de um texto” (2012, p.151).

A proposição do narrador desvela o cotidiano de Juarroz, apontando o que lhe é importa: pensar, perceber, ver, ouvir, apreender, mas não tocar, “– Tocar nas coisas, além de revelar falta de gentileza revela ainda um fracasso, primeiro do pensamento, depois da audição e do olfato e, por último, da visão” (TAVARES, 2007, p.47). Da diversidade de momentos de *O senhor Juarroz* surge um panorama de práticas domésticas que se mostram aparentemente muito pouco importantes, mas oferece ao leitor a oportunidade de pensar o valor singular das pequeninas coisas que nos cercam e mal lançamos um rápido olhar.

Refletir sobre a significação implícita no e do enunciado é tão (ou mais) importante quanto o seu impacto imediato e constitui a base do diálogo que deve permear as leituras literárias em sala de aula. Problemas relativos a obras traduzidas ou de consumo imediato não podem se constituir em argumento para valorização do efeito momentâneo, de prazer ou enfado. Importa, sim, ressaltar os significados estabelecidos no texto literário na estreita relação entre os momentos de dizer e o que dizer – da maneira

particular com que as escolhas de escrita do autor dão testemunho de seu tempo e sua existência.

Referências

- AGAMBEN, G. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.
- AGUIAR E SILVA, V. M. *Teoria da Literatura*. Coimbra: Almedina, 1979.
- COMPAGNON, A. *Literatura para quê?* Belo Horizonte: Editora, UFMG, 2009.
- _____. *Os cinco paradoxos da modernidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.
- EAGLETON, T. *As Ilusões do Pós-Modernismo*. Trad. Elisabeth Barbosa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- ECO, U. *Obra Aberta*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- GONÇALO M. TAVARES. Disponível em: <http://goncalomtavares.blogspot.com.br/> Acesso em 22 nov. 2013.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- HUTCHEON, L. *Poética do pós-modernismo – história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.
- JOUBE, V. *Por que estudar literatura?* São Paulo: Parábola, 2012.
- PETIT, M. *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. São Paulo: Editora 34, 2009.
- POSSENTI, S. *Questões para analistas do discurso*. SP: Parábola, 2009.
- ROBERTO JUARROZ. Disponível em: <http://www.robertojuarroz.com/biografia.htm> Acesso em 22 nov. 2013.
- TAVARES, G. *O senhor Juarroz*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.
- TODOROV, T. *A literatura em perigo*. 4ª. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2012.

Recebido em 2015-01-28
Publicado em 2015-08-09